

EDITORIAL

DOSSIÊ: “Perspectivas da metodologia qualitativa em pesquisas na área de educação”

As perguntas filosóficas trazidas por Kant, lá no fim do século XVIII, são verdadeiros guias para tecermos a estrutura deste número da revista INTERSABERES. “O que posso conhecer, o que devo fazer, o que me é permitido esperar”... e termina com a questão mais relevante e, talvez, a maior das incógnitas, “o que é o homem?”

Tais questões desenham sempre o bom cenário de nossas buscas para as questões das ciências, das suas tecnologias e das humanidades diante das tantas incertezas atuais.

Quanto maior o número de promessas do mundo das ciências, mais o futuro de suas realizações se adia. Dentre as promessas ouvimos “O trabalho humano será desonerado, as condições ambientais melhorarão e a vida de convívio democrático e justo para todos”. Estamos esperando e à medida que a história anda vemos o horizonte se afastar. Ou ainda se aceitam as promessas, mas sempre com o rótulo estampado de “ainda não”.

Andamos, nós, educadores e pesquisadores das questões da sociedade, entre a tensão de que o futuro será pior e que o passado era mais puro e promissor, e a ideia de que evoluímos muito, muito na direção de uma vida, planeta, sociedade melhores, mas o futuro poderá ser uma hecatombe. Navega-se entre a esperança ou a catástrofe.

O avanço das matemáticas e da física nos séculos XVI ao XVIII levaram o nosso olhar para os céus, para os movimentos dos planetas e estrelas, para as mensurações da terra e para o aperfeiçoamento de seus instrumentos óticos e maquinicos. A revolução industrial alargou tais conquistas e exigiu maior proximidade de atendimento das necessidades de todos, pois o comércio exige a ampliação das relações de trocas e a aproximação entre povos, culturas e territórios. Outra promessa atendida apenas parcialmente.

Ali pelos tempos da Revolução Francesa, tinha-se claro que “A linguagem se tornara estratégica demais para ficar nas mãos dos aristocratas, e também deveria ter regras, antes de se tornar acessível ao povo não esclarecido. Daí o papel da elite

intelectual que exercia um papel intermediário, garantido pela prática do método das ciências exatas” (ROQUE, 2021, p.64). Nesse momento também a própria burguesia nascente, vai se encarregar de implantar um método que não elimina Deus nem concorre com a religião. O seu discurso devia ser exato como valor e poder ser atribuído também às ciências políticas e sociais. O discurso do rigor do método analítico e da álgebra. O século das Luzes vai criar este espectro de compreensão da vida humana para sua transformação na direção do progresso. A exatidão e rigor como perspectiva científica. E a popularização dos resultados. Nosso destino é a cidade.

A ampliação da produção e demanda, estimulando o uso mais amplo da tecnologia vai produzir máquinas, mais transportes, as utilidades domésticas e da comunicação, principalmente desencadeadas, já no século XX, pelas duas grandes guerras mundiais. A finalidade era também reconstruir os países envolvidos nas destruições e trazer os em desenvolvimento para o mercado ou para a produção de insumos básicos. As ciências e as tecnologias foram parceiras dessas novas exigências. Claro que as indústrias bélicas se constituíram as primeiras demandantes e usuários de todo o arsenal produtivo, de pesquisa e de comunicação de seus valores. Tal tensão se construiu não apenas nas guerras mortíferas entre dadas nações, mas na guerra fria, entre o chamado mundo livre e democrático e os países da URSS.

A enorme disposição de aparelhos domésticos, a corrida espacial, a miniaturização das ferramentas de espionagem industrial, indústria automobilística e a energia barata do petróleo, a energia atômica produziram valores de agregação em torno das ciências e tecnologias em farta escala. Mas, por outro lado, daí emergiram seus contravalores: poluição, doenças, urbanização caótica, risco da destruição nuclear, desaparecimento de campos de trabalhos, precarização da vida em múltiplas formas etc.

A sociedade então vai ficar mais desconfiada das tantas promessas do método de produção da ciência com seus compromissos com uma neutralidade que se mostrava distante da política e das necessidades de todos.

O Brasil de hoje e alguns países em várias latitudes do mundo se aliam ao negacionismo assim como à desconfiança desse modelo que liga a tecnologia com

políticas nacionais insuficientes para cumprir promessas de melhoria de vida concreta do planeta e de seus problemas.

Os métodos das pesquisas que podemos utilizar para saber se é possível conhecer o que devo fazer se dividem e se antagonizam. Será possível mudar o rumo do mundo para melhor? A mudança é uma realidade, mas nem toda a mudança, inovação ou novidade tem sido para melhor. Haverá, de fato uma mudança para melhor? À medida que o homem e as mulheres evoluem têm encontrado e construído um mundo melhor? Quanto os métodos científicos são condições para tais mudanças? Haverá método adequado às respostas de Kant?

As pesquisas acadêmicas, dos institutos de investigação de governos e estados, as plataformas (ditas) de conhecimento, como respondem a tais impasses epistemológicos? Que papel as metodologias investigativas qualitativas exercem na produção de matrizes interpretativas e de enfrentamento das questões emergentes? Como se antagonizam àquelas que buscam as evidências formais, à numerologia infinita, à construção de algoritmos preditivos e aliados a uma sociedade da vigilância e de um modelo econômico rentista e financista? Há possível colaboração entre elas? Anuncia-se no campo do debate epistemológico alguma complementariedade? Edgard Morin, Ailton Krenak, Umberto Maturana, Hannah Arendt, Sigmund Freud, Zigmunt Baumann? Haverá bússolas para orientar-nos nesse trajeto assombroso pelo qual passamos?

Mediando muitas dessas tensões encontra-se (enganosamente) a responsabilidade salvífica da educação.

Hannah Arendt (2008, p. 224-5) afirma que, no meio destas tensões e contramarchas, *“o homem fica reduzido a um boneco que, através da educação – através da ‘formação de atitudes’ através da técnica para lidar com a natureza humana – tem de ser encaixado num mundo cientificamente controlado. Como se não fosse o homem que inventou a ciência, mas algum fantasma sobre-humano que preparou esse nosso mundo e apenas esqueceu, devido a algum incompreensível lapso da memória, esqueceu de transformar o homem num animal científico; como se o problema do homem fosse se adaptar e se ajustar a algumas minúcias abstratas. Como se a ciência algum dia pudesse ser mais do que o homem; e, por conseguinte como se o tal fosse*

entre o conhecimento científico e o conhecimento social pudesse ser mais que uma mera fantasia”.

O que é essa humanidade que extrapola e paira sobre as questões da ciência e das tecnologias? Como compreendê-la com a escolha minuciosa do método de busca e pesquisa que exige filosofia, ética, antropologia, matemática, economia, política e tecnologias? Afinal, o que é o método senão um caminho?

A questão, bem ao gosto da metafísica, que se coloca nesse número da **Revista Intersaberes**, é qual o sentido dos métodos qualitativos dentro desses cenários mais que epistemológico, um cenário de interpretação de todo o mundo contemporâneo e seus desafios para a sobrevivência e a felicidade?

O primeiro texto de nosso dossiê, “O uso da metodologia pesquisa-ação para análise de políticas educacionais”, de autoria de Emília Peixoto Vieira, Frédéric Vaillant e Maricélia Moreira de Souza Pereira, tem como objetivo apresentar a metodologia da pesquisa-ação e suas contribuições para a análise das políticas educacionais, no contexto das investigações dos integrantes do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), realizadas com base no uso desta metodologia.

Na sequência, apresenta-se o texto “Abordagem qualitativa em pesquisas educacionais: uma perspectiva sócio-histórica”, de Marly Kruger de Pesce, Jane Mery Richter Voigt e Berenice Rocha Zabbot Garcia, que evidencia que a abordagem qualitativa vem sendo utilizada e reconhecida como prática científica na área de educação, especialmente se observando que esta metodologia contempla a compreensão de que a complexidade dos fenômenos educacionais está além de um modelo mecanicista de ciência. A pesquisa ressalta que investigar as práticas educativas demanda análises que extrapolam a descrição chamada objetiva, adensando a interpretação dos dados e considerando o contexto histórico e social.

O artigo “Pesquisa colaborativa como forma de produção de conhecimento e formação de professores”, de autoria de Urel Carbone Carneiro salienta que para que se possa produzir conhecimento, é preciso refletir sobre sua complexidade. Neste aspecto, as pesquisas colaborativas se configuram como de grande valia, anunciando ser um tipo de pesquisa que permite a produção de saberes entre o investigador e o sujeito da pesquisa configurando assim, pesquisa e formação de forma simultânea.

Os autores Rita Buzzi Rausch, Cleide dos Santos Pereira Sopelsa e Nilton Bruno Tomelin, em seu artigo “Percurso histórico e metodológico da pesquisa-ação na formação docente da educação básica”, buscam compreender o percurso histórico e metodológico da pesquisa-ação, no campo da formação de professores da Educação Básica no Brasil e identificam uma diversificação nos termos usados para pesquisa-ação no campo da formação de professores.

Prosseguindo, com o artigo “Um caminho trilhado na artesanaria da pesquisa”, os autores Dimitrius Gonçalves Machado e Maria Lúcia Castagna Wortmann, discutem percursos e articulações procedidas a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Foucaultianos, bem como o processo de construção de uma pesquisa pós-estruturalista, que está marcada pela não garantia do alcance de um resultado seguro.

Em “Análise de prosa: uma forma de investigação em pesquisas qualitativas”, de Luciana Andréa Afonso Sigalla e Vera Maria Nigro de Souza Placco partem da premissa de que se verifica uma prevalência de determinadas abordagens qualitativas de análise de dados, dentre elas a análise de conteúdo e os núcleos de significação, mas, em algumas pesquisas analisadas no artigo, percebe-se a falta de clareza da abordagem utilizada ou do caminho teórico-metodológico trilhado pelo pesquisador.

No artigo seguinte, “A Análise textual discursiva enquanto um cenário viável para as pesquisas qualitativas na área de educação”, os autores Arthur Rezende da Silva e Valéria de Souza Marcelino observam a relação da Análise Textual Discursiva (ATD) enquanto metodologia qualitativa no campo da educação, buscando esclarecer o que apontam as pesquisas dos programas de doutorado em educação cuja escolha metodológica foi a ATD.

Soraia Baptista Machado e Kathia Marise Borges Sales, em seu texto “O círculo de cultura como uma experiência dialógica de pesquisa na educação de jovens e adultos” abordam que a partilha de uma experiência de pesquisa pode significar uma proposição dialógica, reflexiva e cooperativa, tendo por fundamento o pensamento e a ação freireana.

O texto “Multirreferencialidade enquanto instrumento de pesquisa na educação” de autoria de Valtemir Rodrigues e Andrea Cristina Versuti se debruça

sobre o conceito de multirreferencialidade como estratégia de pesquisa dentro do campo da educação, uma vez que se pauta na pluralidade de leituras acerca do objeto pesquisado.

Na sequência temos o texto de Ana Paula Salvatori, Allan Henrique Gomes e Aliciene Fusca Machado Cordeiro, intitulado “Pesquisa documental em educação: contribuições para a formação continuada de professores”, toma por base um mapeamento dos estudos da professora Marli André em torno da análise de documentos. O foco do texto são as articulações entre essa modalidade de pesquisa e a formação de professores, com o objetivo de se constituir em um diálogo teórico considerando as contribuições de André sobre pesquisas qualitativas no campo da educação.

Em “O ato ético responsável na pesquisa colaborativa educacional”, a autora Shirlei Marly Alves apresenta considerações que envolvem as distinções entre a construção dos conhecimentos no campo das ciências da natureza e das ciências humanas, com foco nos procedimentos metodológicos da pesquisa colaborativa educacional, de abordagem inerentemente qualitativa.

Ana Paula Alba Wildt apresenta o artigo “Autoetno (foto)grafia: pesquisa e formação em modo selfie”, um recorte de sua tese de doutoramento que investiga uma experiência de subversão curricular e (re)invenção do self docente no contexto do estágio supervisionado em Língua Inglesa, em que, o componente curricular de estágio é visto como uma formação docente orientada pela identidade mediante a coconstrução de diferentes gêneros de narrativas autoetnográficas que evidenciam selfies dos sujeitos docentes em (re)constituição.

O artigo seguinte, “Argumentação em discurso na educação infantil: era uma vez João e Maria”, de autoria de Ana Rubia da Silva Vieira e Soraya Maria Romano Pacífico, aborda a necessidade de se investigar de que modo ocorre a prática da argumentação oral na educação infantil. Para o estudo, cuja hipótese é a de que a literatura pode contribuir para que seja possível construir uma interlocução que coloque em funcionamento a argumentação, buscou-se analisar discursos produzidos, oralmente, por crianças que frequentam a 1ª etapa da educação infantil.

O dossiê se encerra com o artigo de Jullyana Cristhina Almeida de Freitas, Betania Oliveira Barroso e Marcos Moreira Lira, cujo título é “A colaboração da

pesquisa-ação para a luta da Comunidade Viva Deus”. A pesquisa que resultou este texto, foi realizada por meio de uma pesquisa-ação e apresenta as experiências de luta de um acampamento sem-terra que luta pela regularização fundiária da terra em que vivem, demonstrando a colaboração da pesquisa qualitativa para os movimentos de resistência na Educação Popular.

Os artigos que dão sequência a este volume da Revista Intersaberes, são os de fluxo contínuo e abordam temas de relevância no contexto educativo, dos quais listamos títulos e autores: “Perspectivas dos gestores escolares sobre treinamento, habilidades e necessidades educacionais em um contexto de pandemia”, de Justino Cangue; “A avaliação institucional e sua relação com a educação de qualidade”, de autoria de Hildegard Susana Jung, Liliane Kolling e Sandra Coimbra Rodrigues; “Uso do whatsapp como facilitador no processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia da COVID-19”, foi escrito por Maria Fernanda Moretti Schneider, Marilda Aparecida Behrens e Patrícia Lupion Torres; “Ensino religioso e Base Nacional Comum Curricular: dimensão histórica e habilidades socioemocionais”, de Talita Cristiane Meneguel e Fábio Antonio Gabriel; “A Formação do professor pedagogo: história, enfrentamentos e perspectivas”, de Clarice Schneider Linhares e João Pedro Crevonis Galego; “Ensino remoto: uma nova distância para a educação superior?” de autoria de Acir Mario Karwoski e Júlio Cesar Oliveira Bernardo; “Experiência em Estágio de docência na disciplina produção vegetal”, de Natanaelma Silva da Costa, Jocimario Alves Pereira, David Rodrigues Santos, Marcos Barros de Medeiros e Petrônio Filgueiras de Athayde Filho.

Importante salientar que este dossiê foi pensado como uma homenagem à professora Marli Eliza Dalmazo Afonso de André, que faleceu em 4 de janeiro de 2021, uma referência tanto na área de formação de professores quanto em pesquisas qualitativas, com uma belíssima trajetória profissional, sempre preocupada com os desafios que a realidade escolar impõe.

Certamente professora Marli André desejava, com suas pesquisas e estudos, nos fazer pensar a respeito do que propomos mais acima neste texto: qual o sentido dos métodos qualitativos dentro desses cenários mais que epistemológico, um cenário de interpretação de todo o mundo contemporâneo e seus desafios para a sobrevivência e a felicidade. Nessa perspectiva, suas contribuições no campo da

pesquisa são notáveis e continuarão a nos inspirar na realização de investigações em educação.

Agradecemos os(as) autores(as) que contribuíram com este dossiê, aos(as) pareceristas, colaboradores(as) e revisores.

Boa leitura!

Curitiba, 27 de janeiro de 2022.

Prof. Dr. Fernando José de Almeida – PUCSP
Prof. Dra. Joana Paulin Romanowski - UNINTER
Profa. Dra. Siderly do Carmo Dahle de Almeida - UNINTER
Profa. Dra. Rita Buzzi Rausch – FURB/UNIVILLE
Profa. Dra. Soledad Vercellino - Universidad Nacional de Río Negro y Universidad
Nacional del Comahue
Editores Associados

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. “Compreender: formação, exílio e totalitarismo”. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROQUE, Tatiana. “O dia em que voltamos de Marte – uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente”. São Paulo: Crítica, 2021.